

Drummond jornalista: as crônicas do poeta mineiro e sua relação com a imprensa

Profa. Dra. Isabel Travancas (FCRB-Faperj)

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar a trajetória intelectual do poeta Carlos Drummond de Andrade tendo como foco suas crônicas publicadas na imprensa nas décadas de 1920 a 1980. Embora o escritor mineiro seja reconhecido, principalmente, como poeta, ele não renega o jornalismo tanto como prática quanto como identidade profissional. Drummond em seus 85 anos de vida produziu mais de seis mil textos publicados na imprensa e a maior parte deste acervo já se encontra organizado e catalogado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Suas crônicas nessas seis décadas abordam temas como o cotidiano do escritor, da cidade, do país através dos mais variados assuntos como política, personalidades, eventos, moda, amor, comportamento, entre outros. Neste trabalho farei uma análise de algumas dessas crônicas, destacando neste gênero literário o seu olhar de jornalista.

Palavras-chave: crônica, imprensa, literatura, jornalista

Introdução

Ao longo de oito décadas de vida, Drummond escreveu muito. E não apenas poemas e livros. Sua colaboração com a imprensa começa na década de 1920 e vai até 1984. A grande maioria desses textos é de crônicas e elas são importantes para a compreensão da sua obra. Não apenas pela quantidade – escreveu mais de 6000 – mas porque apresentam, de forma coloquial, seu olhar sobre o mundo. Seus textos apontam também para uma estreita relação entre jornalismo e literatura.

Embora Carlos Drummond de Andrade seja reconhecido nacional e internacionalmente como poeta, ele não renega sua prática jornalística nem sua identidade profissional. Ele se define também como jornalista, destacando esta experiência como dado fundamental para o desenvolvimento da sua escrita. É ele mesmo quem declara: “sou jornalista porque a vida toda estive ligado a jornal. Fui redator-chefe do Diário de Minas, onde, com outros companheiros, fizemos a campanha modernista em Belo Horizonte e nos divertimos muito.”(s.r.)

Esta declaração do poeta reforça a idéia de que estas duas carreiras – a literária e a jornalística -, estão profundamente associadas. A jornalista e pesquisadora Cristiane Costa (2005, p.106) destaca o sentimento de pertencimento de Drummond ao jornalismo. Ele dizia que a única coisa que fazia com prazer, além da literatura, era jornalismo. Costa, como Drummond, não vê o exercício jornalístico como um empecilho para o desenvolvimento do escritor, ao contrário de outros autores. É Drummond (In Costa, 2005, p.107) que afirma:

O jornalismo é a escola de formação e de aperfeiçoamento para o escritor, isto é, para o indivíduo que sinta a compulsão de ser escritor. Ele ensina a concisão, a escolha das palavras, dá noção do tamanho do texto, que não pode ser nem muito curto nem muito espichado. Em suma, o jornalismo é uma escola de clareza de linguagem, que exige antes clareza de pensamento. E proporciona o treino diário, a aprendizagem continuamente verificada. Não admite preguiça, que é o mal do literato entregue a si mesmo. O texto precisa saltar do papel, não pode ser um texto qualquer. Há páginas de jornal que são dos mais belos textos literários. E o escritor dificilmente faria se não tivesse a obrigação jornalística.

A crônica e Drummond

A maior parte de seus textos para imprensa é de crônicas, gênero que se situa na fronteira entre a literatura e o jornalismo. No Brasil ela nasce nos jornais. Está diretamente vinculada à atualidade e se inspira em fatos cotidianos. Drummond, o cronista que também é poeta, registra as sensações usando seus recursos estilísticos, sabendo que a crônica está sempre na fronteira entre o real e o imaginado. Perguntado em entrevista o que achava de ser cronista e se era melhor ser poeta, Drummond respondeu: “O cronista obedece à folhinha e ao relógio; o poeta é um animal livre do tempo: faz o que quer, quando quer. Mesmo como cronista, porém, não me preocupo demasiado com a atualidade quente; salvo quando acontece algo muito importante.”(s.r.)

Penso que, neste sentido, pode-se notar o quanto há um Drummond jornalista que está sempre escondido atrás do Drummond poeta. Esse duplo não me parece contraditório, como seus depoimentos comprovam. Ele percebe uma relação de complementaridade e não considera sua experiência jornalística como algo menor ou um mero “ganha pão”, como muitos críticos costumam afirmar. Arriscaria mesmo a dizer que a sua obra poética está impregnada dessa experiência intensa de proximidade com a realidade.

Para Drummond a crônica é território livre da imaginação e busca circular entre os acontecimentos do dia, sem influenciá-los. De uma certa maneira, ela funciona como um intervalo na brutalidade dos fatos, que se expressam a partir da subjetividade do seu autor.

Aurélio Buarque de Holanda(1999, p.584) confere dois sentidos para o termo crônica. O primeiro é “texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como tema fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo etc, ou simplesmente relativos à vida cotidiana”. E “seção ou coluna de revista ou de jornal consagrada a um assunto especializado”. A produção jornalística de Drummond certamente se enquadra na primeira definição que explicita a relação do texto com a realidade.

Aliealidade é um dos conceitos-chaves para pensar a relação entre literatura e jornalismo, sendo a crônica um lugar de fronteira, “bebendo” nas duas fontes e produzindo um texto “mesclado”. Alceu Amoroso Lima foi taxativo em afirmar que o jornalismo é um gênero literário. Para ele o jornalismo tem todos os elementos que lhe permitem entrar no campo da literatura; esta passagem depende apenas da sua qualidade, e não da sua natureza. Assim, podemos afirmar que as crônicas de Drummond se situam neste patamar. Ainda que muitas sejam datadas, expressando a visão do poeta de uma época específica, seus textos possuem uma ambição maior do que apenas comunicar um acontecimento. Buscam a permanência; permanência essa expressa na própria atitude do escritor que, não apenas guarda de forma criteriosa e organizada tudo o que escreveu desde a mocidade, como doa seu acervo para o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, criado em 1972.

Os anos 40 e 50 para Drummond

Neste artigo me deterei nas crônicas do escritor mineiro publicadas na imprensa nas décadas de 1940 a 1980. Da década de 1940, há no acervo do AMLB 346 textos, sendo 140 crônicas, uma centena de poemas, mais de 70 resenhas e apenas cinco contos. Na década de 1950 foi possível encontrar no seu arquivo 266 textos, sendo 120 crônicas, 103 poesias, 35 resenhas literárias e nove contos. Nestas duas décadas estes serão os quatro gêneros principais, se podemos definir assim, exercitados pelo escritor e publicados na imprensa. Foi possível perceber, analisando as décadas anteriores, que cresceu a quantidade de textos publicados, assim como aumentou e muito o número de crônicas.

Enquanto nas décadas de 20 e 30 Drummond assina com diversos pseudônimos, nestas duas a maioria de seus escritos leva a assinatura “Carlos Drummond de Andrade”. Mas os pseudônimos

não desaparecem. Estão presentes os seguintes: Policarpo Quaresma Neto, Paulo de Freitas, Hugo de Figueiredo, Antonio Crispim, Aluísio Goulart, Leandro Sabóia, Ney Miranda, além das abreviações C. D. e C. D. A. e a inicial Y..

Destas duas décadas destaquei crônicas que falam diretamente do cotidiano do leitor, da rotina da cidade e das efemérides. Várias crônicas destas décadas chamam a atenção para fatos que viraram notícia. “Alegre, mas não muito”(23 de fevereiro de 1944, Diário Carioca) aborda o carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Nela o poeta afirma que o carnaval não é uma festa unânime na cidade e se opõe ao mito da “democratização do carnaval”. Ele escreve:

Dela participam, efetivamente, pessoas de todas as condições sociais. Mas não só a representação de algumas classes no composto carnavalesco é bem pequena como principalmente esse composto é mais aparente do que real as classes não se fundem nem se misturam, apenas se roçam e se observam.

Acho interessante essa perspectiva crítica do cronista que não se deixa levar pelo senso comum que acredita que o carnaval rompe fronteiras e dissolve diferenças sociais. Ponto de vista que combina com a perspectiva do antropólogo Roberto da Matta em seu livro clássico *Carnavais, malandros e heróis*(1981:132), quando este compara o carnaval nos Estados Unidos e no Brasil. “No caso brasileiro cada qual já sabe o seu lugar(ou melhor: cada qual busca sempre estar no seu lugar social adequado), o que significa que o princípio da hierarquia é sempre aplicado, pois o maior temor social no Brasil é o de estar fora de lugar, estar deslocado(...)” Portanto, há uma hierarquia presente na sociedade brasileira que não desaparece no carnaval e é isso que Drummond demonstra em sua crônica. Há muitos carnavais na cidade: o de rua que reúne sorveteiros, pedreiros e engraxates e os bailes de gala dos grã finos, por exemplo.

Outro assunto bastante presente nos textos do poeta são as eleições. Na década de 40 aparece a crônica “Meditação do eleitor 3144 ” (14 de outubro de 1945, Folha da Manhã) e na de 50 “Dr. Paulinho” (3 de outubro de 1959, s. r.) Na primeira Drummond narra sua experiência na fila para receber seu título de eleitor cujo número é 3144. Descreve a fila, os personagens que a compõem e relembra seus títulos anteriores. Mas a ênfase da crônica está na importância do voto. E diz “O Brasil inteiro é hoje uma fila à porta das eleições: não desperdicem os seus votos.” E encerra suplicando ao eleitor e leitor: “Irmão de fila, cuidado com o teu voto, não o estragues nem o deixes perder-se na confusão, irmão brasileiro”. Mais atual impossível. Já “Dr. Paulinho” trata da campanha eleitoral a partir da conversa com um motorista de táxi que distribui ao passageiro o panfleto de seu candidato da UDN, Dr. Paulinho. O poeta pergunta ao motorista o que o candidato a vereador fará e recebe como resposta um discurso veemente. Mas caso seu candidato fracasse o taxista afirma que largará o serviço e irá dizer ao político que este o enganou. Sempre de forma enérgica e vibrante fala o motorista. Depois de ler a propaganda do candidato e suas propostas, Drummond sugere que, caso Dr. Paulinho seja eleito, se tenha cuidado com o motorista...

Essas duas crônicas falam de eventos políticos através de um olhar para o cotidiano da cidade e de seus personagens. É sua experiência na fila que produz reflexões sobre o voto assim como é o seu diálogo com o motorista de táxi que o faz pensar na relação dos eleitores com seus escolhidos. Não há uma preocupação com a macro política, embora ela não esteja de todo descartada, principalmente na crônica da década de 40. Entretanto, o seu foco está no fato singelo e corriqueiro no meio do grande evento.

E falando em política, há duas crônicas, uma da década de 40 e outra da de 50 que, embora datadas, abordam fatos importantes da história política brasileira. A primeira delas - “Encontro com Prestes”(22 de maio de 1945, Tribuna Popular) - narra o encontro do povo com o líder comunista Luís Carlos Prestes, no dia 23 de maio de 1945, no estádio do Vasco da Gama. Nela Drummond demonstra, já no início do texto, sua admiração pelo político.

Como tardou esse encontro! Muitos anos. Não foi possível marcá-lo mais cedo. Dois velhos conhecidos – Prestes e o povo – se estimavam, confiando um no outro, sem que o contato vivo nas ruas e nas casas trouxesse esse elemento de presença pessoal, que dá tanto calor às relações humanas.

Neste texto o poeta se mostra à vontade para demonstrar seus sentimentos, sua opinião política, a partir de um fato concreto e de relevância.

A outra crônica intitulada simplesmente “O atentado”(21 de agosto de 1954, Tribuna da Imprensa) tem tom mais dramático. Sem dar os nomes dos envolvidos, ele aborda o atentado sofrido pelo jornalista Carlos Lacerda na Rua Tonelero em agosto de 1954, no qual morreu o Major Rubens Vaz. Atentado esse que desencadeia um processo político que culminará com o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Seu texto tem semelhança com um editorial tal a sua posição diante dos acontecimentos e seu desejo de que o crime não fique impune. Em nenhum momento se refere a pessoas ou partidos políticos. Está tudo implícito. E ele acredita que o leitor será capaz de compreender o não dito. Seu início demonstra bem isso:

As horas que se seguem ao atentado são de procura do responsável. No clamor e emoção gerais o ceticismo, que é uma súpula da crítica histórica, se omite por instantes e clamamos: “Desta vez o crime não ficará impune.”

E termina chamando a atenção de que resta aos cidadãos a vigilância civil e a não aceitação de diferentes formas de intimidação.

Drummond e as décadas de 60, 70 e 80

A última etapa deste artigo aborda as crônicas escritas por Drummond nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Da década de 1960 há no acervo de Drummond no AMLB 375 textos, sendo 259 crônicas, 114 poesias e dois contos. Da década de 1970 estão arquivados 165 textos, sendo 101 crônicas, 62 poesias e 2 contos. Os anos 80 foram curtos para o poeta que morre em 1987, tendo colaborado em jornais até 1984, quando se despede do leitor com a crônica “Ciao”. No AMLB há 104 textos do escritor. Desse total 64 são crônicas e 40 poesias. Ainda que a década seja curta, as colaborações com a imprensa foram extensas.

Drummond quase não usa pseudônimos para assinar seus textos nas três últimas décadas. Na maioria dos textos deste período o cronista assinou Carlos Drummond de Andrade, como ficou conhecido.

Drummond foi um homem do seu tempo. Não se furtava a comentar, analisar e criticar os acontecimentos do país e do mundo no momento em que estavam ocorrendo. Suas crônicas são expressão dessa preocupação e desse laço estreito com a realidade. As efemérides são um exemplo disso. A mudança da capital do país para Brasília, não poderia passar em branco (“Rio, 21 de abril”, 30 de abril de 1960, Mundo Ilustrado). Drummond, não se conforma com esta transferência ocorrida em abril de 1960 e seu texto expressa esse sentimento. Para ele, o poder não se fizera amar, apenas servira-se do Rio, deixando um rastro atrás de si de buracos, déficit e carências. Mas se o poder mudou de cidade, esta não mudou. “Leva repartições, leva amigos que a gente gostaria de reter aqui, para guanabazarem suavemente conosco, mas não leva a alma carioca, o particular e o salino encanto do modo de ser desta cidade.” É, da sua maneira, uma declaração de amor à cidade maravilhosa.

A crônica “Caído na rua”(21 de janeiro de 1961, Mundo Ilustrado) fala do homem que morre na beira da rua. Drummond fica indignado com a morte causada pela fome quando o homem estava há poucos metros de um café no centro da cidade, onde ficam muitos bancos nos quais o morto não tinha nenhum centavo. O governo também não pode assisti-lo porque os hospitais não recebem indivíduos cuja doença é a “fome”. E este homem também não tinha identidade como tantos outros. O poeta escreve: “Homem, sem identidade própria, embora idêntico a legiões de outros, no nordeste

do Brasil, na Índia, em mil partes do mundo, que morrem da mesma infecção longe da rua da Alfândega, e nos quais ninguém presta atenção”. E o que Drummond busca é chamar a atenção do leitor para o absurdo dessa morte. Da morte causada pela fome no meio da cidade grande, aos olhos de todos e que ninguém vê.

Os anos 60 foram anos intensos. Movimentos sociais, políticos, guerras, contestação, ditaduras. Foi o auge do movimento hippie criador do slogan “Faça amor, não faça a guerra”. Em “Amor em vez de guerra” (22 de junho de 1969, s. r.) Drummond relembra o poema “O Noturno de Belo Horizonte” de Mário de Andrade, escrito em 1925, para destacar que o intelectual paulista foi, na verdade, um precursor da filosofia hippie. Seu poema diz: “Não prego a guerra, nem a paz, eu peço amor! Eu peço amor em todos os seus beijos...” Para o escritor mineiro, Mário de Andrade oferece como alternativa à guerra: não a neutralidade da paz, mas o elemento ativo do amor. E, a seu ver, a filosofia hippie está contida nesta idéia. Termina seu texto salientando: “Se o mundo não o praticar, não será por culpa nem de Mário de Andrade nem da minha província.”

Em “Conspirar, que bom” (11 de maio de 1967, Estado de Minas) o poeta mineiro faz uma brincadeira com a idéia do medo da conspiração muito presente no país naquele ano: 1967. O Brasil já vivia sob a mão forte da ditadura militar, a repressão já mostrava sua face e sua força perseguindo os que se mostravam contrários ao regime e a idéia de conspiração pairava no ar. Sua crônica brinca com o significado que o verbo ganhou neste contexto. Todo mundo parece conspirar. Para substituir o governo, a Light conspira para volta do racionamento, os missionários americanos contra a explosão demográfica, os escritores para entrar na Academia Brasileira de Letras e assim por diante. O momento é de conspirar. “O negócio é conspirar. Eu conspiro, tu conspiras, eles conspiram. Isso dá certa normalidade à vida: todos fazem a mesma coisa. Que bom!”. Vale chamar a atenção de que este é um momento em que a censura começa a atuar no país com mais força e deve-se notar que Drummond já possuía uma notoriedade, que lhe permite ironizar e criticar o espírito que reinava naquele período.

Há uma certa nostalgia presente em diversos textos do escritor, como aparece ao tratar do início de sua carreira como jornalista. A crônica dos anos 70 “Doce música mecânica” (12 de novembro de 1971, Minas Gerais) fala da sua juventude, dos tempos de redação como auxiliar no jornal Minas Gerais em Belo Horizonte. Tempo em que escreveu “Poema do Jornal” (publicado em Estado de Minas, BH, 30 de abril de 1930), do qual retirou parte da última estrofe para dar título a esta crônica. Relembra a alegria da redação, tão descontraída. Fala dos eventos políticos como o combate entre a Força Pública do Estado e o XII Regimento de Intervenção Federal no Estado. Fez a sua cobertura e recorda que só foi recebido pelo Presidente tarde da noite para ditar uma linha para o noticiário do jornal. Mas o jornal não era feito apenas de hard news. Ele comenta que vários colegas enchiam o jornal com “poeminhas”, comentários brincalhões sobre filmes, entre outras coisas. E afirma que nunca perdeu o contato com o jornal, onde fora redator. A Imprensa oficial facilitava a publicação de obras de jovens escritores e seu primeiro livro *Alguma Poesia* nasceu ali. Ele encerra suas memórias assim: “Ouço ainda, transcorridos quarenta anos, a doce música mecânica. Ressoa no fundo de mim, e é grato abrir a porta imaginária para receber, de chofre, a ‘canção de uma nota só’, das linotipos do Minas Gerais.”

Crônica de costumes, amenidades, retrato de uma época e de uma cidade. É isso que se tem em “Verão, uma festa” (8 de janeiro de 1972, Estado de Minas). Nesta crônica, Drummond faz uma ode à praia, ao verão e às mulheres cariocas. Afirma que é puro prazer para os homens verem belas “sereias” e que o verão é uma festa. “Uma festa assim genial não podia durar a eternidade, a gente explodiria de prazer estival: o último verão sobre a terra, o mais assombroso fim.” Comenta que se não fossem os interceptadores oceânicos e outras obras, a festa seria absoluta. A Bolsa de Valores fecharia, o governo também, as lojas idem. Cita o trânsito que impede que todos possam ir à praia e que se ela não está suficientemente poluída os banhistas tomam as providências para isso. Há uma

alegria, um entusiasmo nesse texto que expressa o eterno encantamento de um mineiro pela praia e uma juventude ainda presente nesse escritor então com 70 anos.

Para terminar a década de 70, escolhi a crônica “Uma carta do poeta Carlos” (26 de fevereiro de 1970, Pasquim). Trata-se de uma carta do escritor dirigida ao Delegado Regional da Polícia Federal. Este passou a partir daquela ocasião a ser o responsável pela censura de todo material impresso. Com muita ironia, Drummond afirma que está com pena do delegado.

De nós, escritores, não. Que mania é essa que temos de escrever, quando há coisas mais fáceis e mais gratas na vida, e que nos dariam poder e glória? (...) Prometo não lhe dar muito trabalho. Daqui por diante, só escreverei cânticos e histórias para a edificação moral e cívica nos jardins de infância. Meus cumprimentos, doutor.

Se a crônica anterior expressava a juventude e entusiasmo do escritor aos 70 anos de idade, essa não demonstra menos vigor. O escritor mineiro não se deixa abater pelo projeto do Governo militar de censurar tudo. E se este encarregou um delegado para a função, é a ele diretamente que Drummond se dirige, com o intuito de chamar a atenção para o fato e mobilizar a opinião pública. Fica evidente neste e em outros textos considerados mais políticos a postura de intelectual do poeta. Intelectual aqui entendido nos termos de C. Charle (1990). Para o historiador francês esta categoria nasceu com a polêmica e o julgamento do capitão Dreyfus em 1890, cujo ápice foi a publicação no jornal *L’Aurore* do texto “J’accuse”, de Emile Zola, de apoio ao capitão e contra a sua condenação. O conceito designava uma camada política e culturalmente progressista que desafiava o Estado. Guardadas as devidas proporções e contextos, é o que vemos Drummond fazendo em relação ao Governo militar brasileiro.

Anos 80. Última década de vida do poeta e também de sua participação na imprensa. Poderia ter parado antes. Escreveu para os jornais até 1984. Tinha então 82 anos quando decidiu parar. Alguns temas são recorrentes neste curto período, outros nem tanto. A questão da natureza e do meio ambiente volta e meia surgiu nas crônicas de Drummond, principalmente depois dos anos 60. Ele se preocupava com cães, gatos e árvores. “Um galho de árvore” é o título da crônica em que o escritor fala do Dia da Árvore e lamenta que tenham mutilado um galho de uma amendoeira (1984, Revista Ipiranga). Não sabe quem é o responsável. Levanta hipóteses, mas nada o satisfaz. E se pergunta: “Quanto tempo leva uma árvore para afirmar-se? Quantos anos de química laboriosa, de absorções, transfusões, impregnações, silêncios, emanções, sínteses ela exige? Quanto tempo resta a este seu amigo idoso para esperar que uma arvorezinha se torne adulta?” Há uma junção da sua preocupação genuína e legítima com a natureza - no caso com a pequena amendoeira mutilada -, e também com a sua própria existência, que está chegando ao fim. Com este texto Drummond aponta uma questão que só cresceu de importância nas décadas que se seguiram: a preservação do meio ambiente. Questão esta que o poeta de Itabira defendeu com veemência em seus textos para imprensa.

A despedida. Drummond termina sua extensa e intensa colaboração com a imprensa com uma carta de despedida para seus leitores procurando trazer leveza para o momento. Ao invés de intitulá-la adeus, preferiu um ciao em italiano, um tchau, como se fosse apenas um até breve e não uma despedida definitiva. Esta crônica – *Ciao* – (29 de setembro de 1984, Jornal do Brasil) com que encerra sua trajetória na imprensa, expressa todo o seu vínculo com o jornalismo. Nela conta como, ainda adolescente, se ofereceu para trabalhar num jornal, de onde nunca mais saiu.

Foi o que esse outrora rapaz fez ou tentou fazer em mais de seis décadas. Em certo período, consagrou mais tempo a tarefas burocráticas do que ao jornalismo, porém, jamais deixou de ser homem de jornal, leitor implacável de jornais, interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-las ao público.

Conclusão

Busquei neste artigo analisar algumas crônicas de Drummond e sua relação com o jornalismo. Um dos pontos a destacar é a intensidade da produção jornalística de Drummond. Ele escreveu muito para os mais diferentes veículos. Para revistas culturais, jornais de colégio, jornais da grande imprensa, da pequena, de todo país e também do exterior. Dá para perceber como fôlego de iniciante nas primeiras décadas, vai se modificando com o passar dos anos.

Por outro lado, já desde o início de sua trajetória nota-se um vínculo estreito do poeta com a carreira jornalística. Ela não foi apenas um “rito de passagem” para sua entrada nas letras. Foi, a seu ver, uma importante escola, um local de aprimoramento do texto. Texto esse que é produzido em condições específicas de tempo e condicionadas à realidade cotidiana. Drummond até o final da vida valorizou o trabalho que realizou nos jornais – sua crônica de despedida é a prova disso – e fez questão de guardar, de forma bastante organizada, toda a sua produção.

Nestas décadas alguns temas se destacaram como amor, literatura, memória e cotidiano. Aqui procurei me concentrar nas crônicas relacionadas ao cotidiano, enfatizando o aspecto jornalístico desses textos. Se nas décadas de 20 e 30, sua produção é bem mais reduzida e diversificada em gêneros literários, com o passar dos anos Drummond se concentra na produção de poesias e crônicas. Suas crônicas ainda são extensas, falam muito de literatura, mas a presença da realidade cotidiana ganha cada vez mais espaço nas décadas de 40 e 50. Os textos dos anos 60 e 70 são bem mais enxutos e também mais políticos. O Brasil vivia sob um regime de força e Drummond não deixa esse aspecto de lado. Ao contrário. Critica, ironiza, desabafa. Nos últimos anos, o poeta tem seus textos embebidos em uma certa melancolia própria da idade avançada. As crônicas ainda que vinculadas a fatos concretos lhe remetem ao seu passado e às suas vivências. Vivências da infância em Itabira, dos processos políticos brasileiros, do início do jornalismo.

Por fim, gostaria de enfatizar a importância da catalogação de toda essa vasta produção drummondiana realizada pelo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira e chamar a atenção para a multiplicidade de tipos de texto escritos pelo poeta, que poderão fornecer uma visão mais complexa da sua obra, cuja vertente mais estudada e valorizada é a poesia.

Referências Bibliográficas

- [1] CHARLE, C. Naissance des intellectuels. Paris: Minuit, 1990.
- [2] COSTA, C. Pena de aluguel: escritores e jornalistas no Brasil 1904 - 2004. SP: Companhia das Letras, 2005.
- [3] DA MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis. RJ: Zahar, 1981.
- [4] HOLANDA, A. B. Novo Aurélio. RJ: Nova Fronteira, 1999.
- [5] LIMA, A. A. O jornalismo como gênero literário. SP: EDUSP, 1990.